

CINECLUBISMO PARA FORMAÇÃO E RESISTÊNCIA

Por Alessandro Reina (Nesef/G-Cine) e
Geraldo Balduino Horn (Coord. Nesef)

A história entre o século XX e o momento atual traz várias lutas, conflitos, guerras, grandes desequilíbrios sociais e catástrofes de toda ordem, provocados pela intervenção humana na natureza. Desequilíbrio causado por um sistema social e de produção e consumo desenfreado, sem limites. História esta contada de diversas formas. Sendo a imagem em movimento a que, certamente, possui destaque ímpar nos registros históricos hodiernos.

O cinema, desde seu surgimento, traz consigo uma dupla construção que atravessou o século XX, chegando até nós na atualidade: a primeira diz respeito à ideia de ser produzido e vendido como produto, e a segunda, em relação à forma de expressão mais difundida e importante da arte contemporânea. Essa dupla perspectiva denuncia uma contradição que tem movido o cinema há décadas, mas que possibilitou, também, uma construção de determinado tipo de cinema muito peculiar, que penetra nas consciências humanas, educando a percepção, os sentimentos e a reflexão.

O cinema, inclusive a ficção, reproduz ou mimetiza uma realidade. Lukács (1968), em seu célebre capítulo sobre *Filme* em sua obra *Estética*, afirma que o cinema, como forma de arte, possibilita a elevação da consciência do homem ao proporcionar a reflexão sobre sua condição, sobre sua realidade. Dessa forma, a sétima arte reflete o real, o homem e os seus carecimentos, mesmo não sendo compreendido de imediato.

O cinema como fator de educação é um elemento antigo. No Brasil, já era utilizado e pesquisado desde a década de 1920, por influência dos pioneiros da Escola Nova, porém é com a ditadura militar que seu uso se amplifica por intermédio dos cineclubes. Esses espaços não se restringiam somente para exibição, mas também para debate fílmico; promovendo nesse período uma verdadeira revolução no pensamento e na ação política, ao atuarem de forma militante e educativa contra as forças antidemocráticas que atuavam no Brasil.

Os cineclubes foram considerados, por isso, subversivos; mas continuaram como elemento essencial para articulação política e estudantil mesmo nesse período. Paradoxalmente, hoje

vivemos um período político parecido. As ameaças de censura do governo Bolsonaro à ANCINE revelam que os dias sombrios não ficaram no passado, mas sim reverberam na atual conjuntura, construindo um cenário de volta ao obscurantismo.

No mês de julho, novo paradoxo se fez presente: um governo profascista inaugurou um Aeroporto na Bahia com nome ao nosso cineasta-mor: Glauber Rocha. Saberia Bolsonaro que Glauber Rocha, por intermédio de seus filmes, foi um dos maiores críticos da miséria, da fome, do autoritarismo e das formas de poder opressoras? Saberia que ele foi precursor de um movimento cinematográfico de esquerda, o Cinema Novo, influenciando vários diretores do cinema mundial? Saberia nosso presidente que nos filmes do artista baiano protagonizam negros, pobres, nordestinos, e não brancos e ricos que representam menos de 1% de nossa população? Saberia que o cineasta nunca se rendeu aos desígnios do capital, da soberba, da vaidade?

Saberia que Glauber Rocha morreu pobre; que foi perseguido, censurado, ameaçado de morte e impedido de expressar suas convicções por intermédio de seus filmes no Brasil no período da ditadura?

O cinema foi e ainda é uma forma de resistência. Não todos os seus filmes, pois ele é multifacetado, diverso e também comercial. Mas sim um tipo particular de cinema, crítico, reflexivo, transformador, típico da revolta do terceiro mundo, um cinema subdesenvolvido. Glauber Rocha dizia que “uma câmera aberta sobre o terceiro mundo é, em si, um ato revolucionário”; assim, demonstrava a importância de fazer um cinema crítico, que não servisse

apenas para “sensibilização burguesa”, porque para o cineasta “o povo é mito da burguesia”.

Dessa forma, apresentamos a edição de agosto de O Sísifo, que versará sobre as possibilidades educativas do cinema. Trataremos um breve relato das experiências cinematográficas produzidas pelo G-CINE e pelo cineclubismo no interior do Nesef. Trata-se de pensar e usar o cinema como uma ferramenta de educação, para que promova não somente a consciência crítica, mas também a capacidade transformadora da realidade de todos os sujeitos, atuando de forma crítica, política e emancipadora.

Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexander Machado
Revisão e diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)



EDUCAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E CINECLUBISMO: A EXPERIÊNCIA DO G-CINE E DO CINECLUBE JOGO DE CENA

Por Alessandro Reina (Nesef-G-Cine)

No ano de 2017, a atividade do cineclubismo no Nesef-UFPR ganhou maior identidade: foi criado o Cineclube Jogo de Cena, homenagem prestada ao filme homônimo de 2007, de um dos maiores documentaristas brasileiros, o cineasta Eduardo Coutinho.

O cineclubismo via Nesef é uma experiência antiga, remonta o ano de 2011-2012, quando iniciamos um trabalho com um cineclube em atividade de contraturno no Colégio Estadual Prof. Teobaldo Kletemberg, na periferia de Curitiba. Posteriormente o projeto foi levado a diferentes locais: em 2013-2014, para o Colégio Estadual Padre Claudio Morelli; em 2015, para o Instituto de Filosofia da Libertação; e em 2016, para o Colégio Estadual do Paraná. Tratava-se de levar o melhor da experiência cineclubista aos jovens estudantes curitibanos, utilizando filmes para educação estética e crítica. Em 2017, o projeto foi à universidade. A ideia era fazer da experiência cineclubista um elo entre o ensino básico e superior, um espaço público para pensar o cinema, a filosofia e a educação com diferentes indivíduos, um espaço de liberdade nos moldes mais filosóficos possíveis de uma verdadeira “ágora cineclubista”.

O Cineclube Jogo de Cena nasceu com programação e objeto definidos: o estudo do cinema brasileiro. Para auxiliar na tarefa arqueológica de investigação das raízes do cinema nacional, paralelamente ao Cineclube Jogo de Cena foi criado o G-CINE, Grupo de Estudos sobre Cinema e Educação, um dos braços de pesquisa do Nesef.

De 2017 até o presente momento, realizamos um estudo de caráter bibliográfico sobre a história e crítica do cinema nacional via G-CINE; e um estudo estético-reflexivo a partir da exibição de filmes do Cinema Novo, via Jogo de Cena. O grupo possui encontros mensais onde se intercalam reuniões de pesquisa com as exibições filmicas do Cineclube. Mais do que simplesmente promover a educação estética por intermédio dos filmes do Cinema Novo, trata-se de repensar a cultura brasileira, sua política, sua história, suas raízes, por meio dos filmes de cineastas consagrados, como Glauber Rocha, Ruy Guerra, Nelson Pereira dos Santos e tantos outros que auxiliaram na crítica e na proposição de um cinema que tratasse do brasileiro pela sua raiz e não pela visão caricata difundida pelos filmes de “telefone branco”, que faziam do povo, como diria Glauber Rocha, “o mito da burguesia”.

O cineclubismo possui historicamente, no Brasil, uma influência transformadora. A partir da década de 30, deixou de ser apenas um local de encontro de intelectuais e artistas para transformar-se em um ambiente democrático de atividade filosófica e, por extensão, educativa e transformadora da realidade. Durante a ditadura militar, o cineclubismo foi o reduto de reflexão e crítica contra o autoritarismo e a prepotência governamental, um espaço de resistência e de luta pelo retorno da democracia em nosso país.

Atualmente, vivemos novo período de obscurantismo. A cultura, a arte e a liberdade de expressão encontram-se sufocadas por um governo que não manifesta comprometimento com as camadas populares, governando para si e para seus aliados políticos. Dessa forma, através do resgate do cineclubismo, retomamos o melhor da experiência crítica, o melhor da resistência política, cujo principal objetivo é promover a educação de seus frequentadores, contribuindo para a transformação das consciências por intermédio do cinema.

Desde 2017, nós do G-CINE/Jogo de Cena, temos levado continuamente a ideia de implantação do cineclubismo nas escolas. Amparado pela Lei 13.006/2014, que instituiu a obrigatoriedade de exibição de duas horas de filmes nacionais nas escolas, identificamos no cineclubismo a melhor proposta para viabilizar e colocar em prática a diretriz da referida lei. Porém, ainda necessitamos intensificar a participação dos

docentes no projeto do Jogo de Cena, a fim de formar, por intermédio do cineclube, profissionais que possam levar a essência e as melhores práticas do cineclubismo para suas escolas, possibilitando, assim, a formação de centenas de jovens através do cinema.

Nesta edição especial de O Sísifo, aproveitamos para agradecer, e também estender o convite de participação das sessões do Jogo de Cena a toda comunidade, escolar e acadêmica, com intuito de disseminar práticas de utilização de filme como fator de educação filosófica. Temos a clara visão de que nossa proposta corrobora com os ideais educativos e formativos, auxiliando no processo de emancipação e de formação crítica dos jovens e futuros cidadãos.

A função do crítico não é trazer numa bandeja de prata uma verdade que não existe, mas prolongar o máximo possível, na inteligência e na sensibilidade dos que o leem, o impacto da obra de arte
André Bazin (1918-1958)

Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexsander Machado
Revisão e diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)

O ESPAÇO DE FALA DO CINECLUBE NO ENSINO DE FILOSOFIA: EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO ESTADUAL IVO LEÃO

Por **Everton Marcos Grison (Nesef/G-Filo)**

A atividade da Filosofia no Ensino Médio propicia diversas conexões com outras áreas do saber. A experiência da relação da Filosofia com o cinema representa uma oportunidade profícua de abordagens de conceitos, teorias, escolas de pensamento e autores. Nesse sentido, o cineclubismo é visto como um caminho de introdução à Filosofia e às questões gerais que envolvem o ser humano.

Esse aspecto de introdução às temáticas filosóficas por intermédio dos filmes contribui para que todos os envolvidos nas sessões do cineclubismo vivenciem a possibilidade de estabelecer contatos com ideias distintas das que possuem, questionando suas certezas e qualificando com mais profundidade aquilo em que acreditam. Sendo assim, o cineclubismo se constitui como espaço de fala, visto que propicia um universo de debates e de trocas de ideias.

Impulsiona-nos essas e outras concepções acerca do cineclubismo, ligando ao ensino de Filosofia o objetivo de propiciar um momento de sentido e desenvolvimento reflexivo, constituído a partir dos referenciais da tradição filosófica, sem deixar de lado as questões e demandas da atualidade. Compreendemos a Filosofia como campo de resistência diante de contextos perpassados pela violência, falta de oportunidades, vida social desestruturada e capitalismo predador. Como reflexo, o CineClube G-filo, realizado no Colégio Estadual Ivo

Leão, em parceria com o Nesef/G-filo, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – sob coordenação dos professores Ms. Everton Marcos Grison, Ms. Lucas Lipka, Ms. Marcos Antônio de França e Dr. Geraldo Balduino Horn –, busca desenvolver o exposto através de exposições de filmes para os alunos do Ensino Médio.

Os filmes são exibidos no contraturno, a cada vinte dias. As atividades são abertas aos alunos do segundo e terceiro anos do Ensino Médio, para aprofundamento dos conteúdos que são estudados no período regular de

ensino. As obras cinematográficas dialogam com os conteúdos estruturantes de Filosofia e são selecionadas levando em consideração a classificação etária dos alunos. Para cada sessão, são chamados dois convidados para debater os filmes conjuntamente com os discentes. Essa experiência se apresenta de grande valia, pois os jovens têm oportunidade de contatar percepções variadas dos filmes, uma vez que são convidadas pessoas que possuem formações diversas. Isso contribui para tornar o cineclubismo um espaço de fala, visto que a interdisciplinaridade se realiza de forma muito produtiva, auxiliando na formação de todos que participam das sessões.

No primeiro semestre de 2019, foram realizadas seis sessões, com onze convidados diferentes. As formações desses eram em Filosofia, Geografia, Sociologia, Artes, Cinema ou Biologia. Em todas as sessões, pelo menos um dos convidados possuía o grau de mestre, contribuindo, assim, para um melhor aprofundamento das discussões. Foram realizadas, em duas sessões, interações com professores presentes em outros estados do Brasil, a partir da tecnologia do Skype. Assim, participaram, por exemplo, um professor de Santa Catarina e um do Piauí. Tais contribuições enriqueceram muito a formação dos alunos, além de demonstrar o quanto a tecnologia pode ser uma aliada na experiência dos jovens no trabalho com a Filosofia no Ensino Médio.

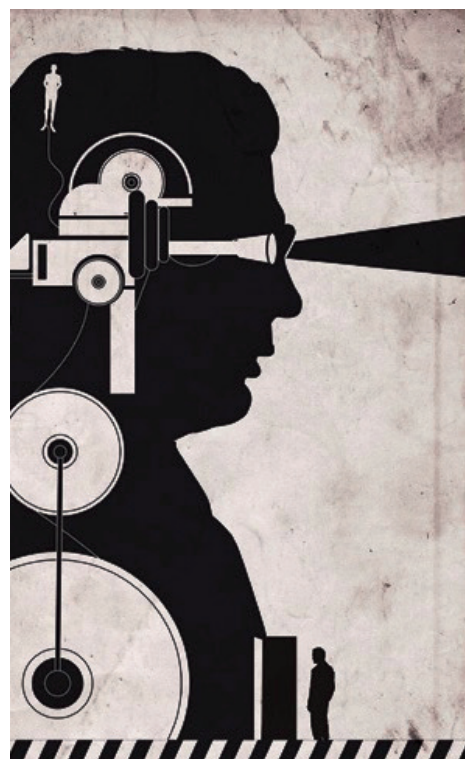
Com o cineclubismo, percebeu-se um senso de pertencimento por parte dos estudantes, além do aprofundamento formativo nas diversas áreas que estudam. Essa atividade demonstrou que a presença da arte na escola, seja ela cinematográfica seja de outra vertente, contribui para o questionamento da própria realidade na qual se inserem, repensando práticas e percebendo os diversos desdobramentos do cotidiano e suas peculiaridades.

Para o segundo semestre de 2019, o projeto continua com mais seis sessões, contando com novos convidados de diversas áreas, como História, Filosofia, Sociologia, Física e Literatura. O cineclubismo favorece a vivacidade da Arte e da Filosofia no cotidiano escolar e na vida dos jovens estudantes do Ensino Médio, representando um grito de liberdade, um espaço de fala e reflexões aprofundadas. Se, de modo geral, na sociedade, o conservadorismo e a violência parecem sufocar de forma indiscriminada, essa experiência auxilia na conservação da escola como um local de debate e respeito, no qual o outro não é visto como inimigo a ser eliminado. Seguimos na resistência!

Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexsander Machado
Revisão e diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)



BARRAVENTO, EXU E A DIALÉTICA

Por Douglas Lopes (Nesef/G-Cine) e Luiz Alberto Vieira Jr (Nesef/G-Cine)

No dia 29 de junho de 2019, o Cineclube Jogo de Cena, vinculado ao G-Cine/Nesef, organizou uma sessão do filme *Barravento* (1962), o primeiro longa-metragem de Glauber Rocha. A sessão contou com a presença e participação de integrantes do Jogo de Cena e outros convidados para discussões sobre o filme. A mediação foi realizada pelos professores Douglas Lopes e Welinton Tarelho.

Apesar de a composição da obra aproximar-se ainda das estéticas europeia e hollywoodiana, seu argumento é revolucionário: trata-se do primeiro filme do gênero negro no Brasil, como indica a análise de Ismail Xavier. Nesse filme, é possível identificar um traço presente em suas próximas obras: temos a dificuldade de definir um protagonista, de modo que cada um dos personagens representa mais de uma camada semântica, e as relações entre eles permitem a criação de alegorias, o que motiva nossa reflexão neste texto.

Embora seja o filme de estreia de Glauber Rocha, nele podemos observar vários elementos que viriam a se tornar parte da identidade do cineasta, formalizados posteriormente através do manifesto *A estética da Fome* (1965), escrito pelo próprio autor. Nessa primeira obra, são enunciadas temáticas que abordam a situação do povo brasileiro em sua condição econômica, a fusão cultural dos povos que se miscigenaram nesse solo e as manifestações religiosas sincréticas resultadas nesse processo.

O filme é gravado em Itapoã; narra o fragmento da vida de uma comunidade de pescadores no litoral do interior da Bahia, “xareu”, onde a vida parecia perene e seus habitantes se resignavam diante das crenças africanas. Sua pesca dependia da rede, mas ela pertencia a um dono branco que morava na cidade. Ele ficava com o lucro sem molhar os pés, enquanto os pescadores ficavam com o necessário para superar a fome.

O enredo nos é introduzido com o retorno de Firmino (Antonio Pitanga) à xareu, depois de anos em Salvador. Habitado à rotina urbana, ele se confronta com as tradições locais, posicionando-se contra a exploração e as tradições religiosas que mantêm os pescadores sob a condição de resignação. Na análise de Ismail Xavier, Firmino representa Exu, entidade responsável pelos caminhos, pelo trânsito e transformação. Apesar de Firmino se colocar contra o candomblé praticado pelos habitantes da vila, ele mesmo representa Exu, pois é aquele que antecipa e colabora para as transformações que estão por vir.

Os pescadores contam com as lideranças das mães de santo e da figura do Mestre (Lídio Silva), um protegido de Iemanjá, a rainha dos mares, de modo que aqueles que o seguissem seriam retribuídos com fartura. No entanto, o Mestre estava velho e a comunidade precisava de uma nova liderança. Iemanjá havia escolhido Aruã (Aldo Teixeira) como a nova liderança; contudo, o jovem, por ciúme da rainha do mar, não deveria dormir com nenhuma mulher.

Apesar da sua contrariedade à tradição, Firmino faz uma oferta pedindo a morte de Aruã, pois aquele desejava levar Naína para a cidade, mas ela era apaixonada por Aruã. As entidades não o atendem e, revoltado, ele seduz e convence Cota a deitar-se com Aruã para romper a proteção de Iemanjá. Além disso, Firmino rompe a rede de pesca, ficando a rede com o comerciante; assim, a comunidade perde a segurança de pescar sem arriscar-se em alto-mar. Firmino desejava com isso romper a inércia e alienação dos pescadores, mobilizando-os a buscar condições melhores de sobrevivência, sem se submeterem ao julgo dos ricos brancos dominadores.

Firmino representa Exu e a dialética; apesar de criticar a religiosidade africana, ele mesmo recorre a ela e volta a romper com a mesma, o que nos lembra que as transformações históricas são lentas, avançam e recuam como a maré.

O título do longa, *Barravento*, é polissêmico. Os pescadores entendem que o barravento seja uma mudança abrupta no clima (tempestade que recai sobre a comunidade); no samba de roda refere-se à troca dos versos; para a capoeira o barravento é o contra-ataque do oponente; no candomblé diz respeito ao ritmo dos atabaques. Numa alusão à dialética, o barravento é a contradição, o devir, a transformação inevitável, a renovação.

Ao término da sessão, os mediadores levantaram interessantes questões sobre os elementos simbólicos do candomblé presentes na obra e as qualidades artísticas de um filme que, apesar de ser o primeiro da carreira de Glauber Rocha, já possui uma consistência de roteiro e *misé en scene* consideráveis. Os convidados também fizeram importantes observações e levantaram hipóteses para investigação, como aproximação de Glauber Rocha do teatro de Bertold Brecht. A sessão foi registrada e disponibilizada no canal Cineclube Jogo de Cena, na plataforma YouTube. O grupo tem feito sessões regulares pelo terceiro ano consecutivo, intercalando sessões públicas e reuniões de estudos e pesquisas relacionados ao movimento Cinema Novo, vinculado ao G-Cine do Nesef-UFPR.

Link da sessão *Barravento*: <<https://www.youtube.com/watch?v=W4xg0exAw2o&t=1137s>>

Participe do Jornal
ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexsander Machado
Revisão e diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)

